

## Fazendo da Santidade Algo Óbvio

Em Busca da Santidade—Parte 10

1 Pedro 2.11–12

### Introdução

Concluimos, hoje, nossa minissérie de estudos intitulada “Em Busca da Santidade” baseada em 1 Pedro. Empregamos a palavra “busca” justamente porque nenhum crente chega ao destino final nesta vida; nenhum crente pode afirmar ter alcançado a perfeição. Isso, porém, não significa que temos passe-livre. O crente genuíno anseia crescer em santidade.

Um dos obstáculos é que existem por aí muitas definições diferentes para *santidade*. É uma lista após outra, regras após regras. O que significa viver uma vida santa?

Quando esquadrihamos as Escrituras para encontrar as características da vida santa, descobrimos que vida santa significa dizer *sim* para as coisas certas e dizer *não* para as erradas.

Em 1 Pedro 2, o apóstolo define *santidade* usando três elementos e todos os três têm uma função na busca pela santidade.

1. O primeiro elemento na santidade está relacionado à nossa identidade.

Se pularmos esse elemento, entraremos no caminho desastroso do desempenho pessoal. Veja só o que Pedro escreve em 1 Pedro 2.11:

*Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma.*

Pedro descreve o crente de três formas. Primeiramente, ele os chama de *amados*. Após dizer à igreja que ela é uma raça eleita, sacerdócio real, nação santa e um tesouro pessoal de Deus (v. 9), agora Pedro adiciona que o crente é *amado*. Essa é a conclusão lógica dos versos anteriores—aqueles que antes não eram povo de Deus, agora são; aqueles que antes não tinham recebido misericórdia, agora recebem misericórdia. O crente é agora incluído e perdoado.

O termo *amado* ocorre no Novo Testamento com bastante frequência como um título para aqueles que pertencem a Jesus Cristo.<sup>1</sup> Ele está ligado à palavra *agape*.

Pedro se dirige dessa forma porque esse acontece de ser o princípio e incentivo fundamentais que levam o crente a querer viver uma vida santa. Não buscamos a santidade porque Deus nos odeia; não buscamos a santidade porque, se não a buscarmos, Deus nos odiará; não buscamos a santidade porque Deus está com um cassete pronto para nos dar uma surra, caso deixemos a desejar.

Não. Buscamos uma vida santa da seguinte perspectiva: ficamos maravilhados e profundamente alegres que Deus, por meio de Jesus Cristo, de fato nos ama profundamente e fielmente. Portanto, devemos começar com isso, *amado*.

Pedro exorta, ou seja, encoraja os crentes que, além de amados, são *peregrinos e forasteiros*. Eu e você somos peregrinos nesta terra. Isso significa que, além do amor de Deus, outro incentivo para buscarmos a santidade é que não pertencemos a este mundo. *Santidade* significa que somos diferentes, separados para Deus.

O termo *peregrinos* é formado por duas palavras gregas que significam “ao lado da casa”.<sup>2</sup> Ou seja, essa não é sua casa. Já a palavra *forasteiros* se refere a um visitante temporário que passa pouco tempo em um país estrangeiro. Você não fica ali tempo suficiente para começar a se acostumar com a culinária, a moda e o clima locais. Você passa por ali brevemente. Pedro diz—o crente é esse visitante.

Agora, isso não significa que não nos preocupamos com nossa vizinhança ou com o país em qual vivemos temporariamente. Acontecemos de ser embaixadores comissionados pelo Reino Celestial para servir em algum lugar no planeta Terra. Nesse lugar, representamos a natureza, o caráter, os interesses e a mensagem do nosso Rei. Quando perdemos o equilíbrio das coisas, deixamos de proclamar a mensagem que devemos.

Conforme colocou um autor, não devemos ser crentes de toca—saímos da segurança de nossa casa cedo de manhã, seguramos o fôlego e permanecemos fora de vista o máximo possível na escola e no trabalho. Depois, voltamos para as nossas famílias, vamos para as atividades da igreja, estudos bíblicos e, finalmente, terminamos o dia orando pelos descrentes que estrategicamente evitamos no decorrer do dia.<sup>3</sup>

Simplesmente porque somos residentes temporários não significa que ficaremos isolados. Nossa influência deve penetrar o mundo.

Dessa forma, Pedro descreve aqui um equilíbrio para a vida santa. Não evitamos o mundo; não nos escondemos do mundo; não fugimos do mundo. Pelo contrário, nos envolvemos com o mundo; deixamos Jesus Cristo transformar o mundo através do evangelho que proclamamos ao mundo.<sup>4</sup>

Então, a quem você proclama? Quem você andou convidando para um cafezinho? E aquele colega do trabalho ou da faculdade que parece não ter amigos? E aquele cara que sempre malha no mesmo horário que você na academia? Você já conversou com ele o suficiente para saber seu nome. Que tal desenvolver um relacionamento mais próximo para lhe falar de Jesus? Simplesmente, quais indivíduos Deus tem inserido no seu dia-a-dia?

Somos residentes temporários, mas não isolados. O incentivo para buscarmos vida santa é a consciência de que somos transitórios aqui, passando rapidamente com uma missão dada pelo Senhor. O primeiro elemento fundamental para a vida santa é nossa identidade: somos amados do Senhor e somos residentes temporários neste mundo.

2. O segundo elemento está ligado ao que evitamos.

Veja o verso 11 novamente:

*Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis.*

Não precisamos de muito comentário sobre isso, não é verdade? Simplesmente, o crente deve fugir das *paixões carnis*.

O verbo *absterdes* significa “distanciar-se” e carrega a ideia de luta.<sup>5</sup> Além disso, é algo que precisamos fazer constantemente; jamais aliviamos.<sup>6</sup> De forma prática, “abster-se” significa que dizemos “não” num esforço para permanecermos longe da maré que nos arrasta para o mar da vida impura.

Então, a pergunta é: com que frequência você diz “não” para si mesmo? Onde estava quando disse “não” na semana passada? Onde terá que dizer “não” novamente na semana que vem?

De quais coisas devemos nos abster? Vamos pensar no assunto de forma mais clara:

- existem certos livros e revistas que não devemos ler;
- existem certos programas de TV e filmes aos quais não devemos assistir;
- existem jogos de videogame que não devemos jogar;
- existem certos lugares que não devemos frequentar;
- existem certos relacionamentos que não devemos encorajar;
- e existem certas cenas que nossos olhos não devem contemplar.<sup>7</sup>

Em outras palavras, a busca pela santidade sempre envolverá a constante prática da restrição sobre si mesmo. Santidade é a arte de dizer “não”.

De forma mais ampla, Pedro já descreveu algumas das características da velha vida no verso 1 deste capítulo. Devemos nos despojar *de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências*. Mais adiante ele escreverá com mais ousadia, afirmando que esses crentes haviam vivido segundo *a vontade dos gentios*,

*tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias* (1 Pedro 4.3).

Não ignore isto: Pedro escreve aqui para crentes. Talvez você esteja pensando: “Por qual motivo Pedro teria que mandar os crentes se abster de práticas da velha vida?” O pregador John MacArthur forneceu uma excelente resposta quanto a isso ao escrever: “Apesar de a regeneração produzir uma nova disposição com anseio santo, essa força da nova vida permanece encarcerada dentro de nós, culminando numa contínua batalha entre o espírito e a carne.”<sup>8</sup>

Você já parou para pensar que vida santa é nada menos que uma declaração de guerra? Talvez pessoas já disseram que você precisa “manejar” um pouco as coisas; está levando esse negócio de Cristianismo a sério demais. Como assim uma guerra?!

Bom, é precisamente assim que Pedro descreve a vida santa. Veja o verso 11: *a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma*. A carne guerreia contra aquela parte imaterial e espiritual do crente que reflete sua mente, caráter, vontade e busca santa—aquele elemento por trás do rosto. Isso significa que você está em guerra consigo mesmo. Essa guerra interior é contínua e jamais terminará nesta vida.

Um autor escreveu que as paixões da carne guerreiam contra a própria alma do indivíduo. Ou seja, elas não tentam ferir o corpo, mas perverter o desejo, escravizar a vontade, entenebrecer o entendimento e arraigar dentro de você um espírito desobediente a Deus.<sup>9</sup> Imagine só! Até onde Pedro sabe, meu maior inimigo à vida santa acontece de ser eu mesmo. Minha carne batalha constantemente contra minha alma.

D.L. Moody, o grande evangelista e pastor do século 19, disse em uma pregação: “Eu tenho mais problemas com D.L. Moody do que com qualquer outro homem que conheço.”<sup>10</sup>

Agora, o termo que Pedro emprega para *guerra* é interessante. Ele carrega a ideia não de combate um-a-um, mas de uma campanha militar comum no século primeiro.<sup>11</sup> Em outras palavras, sua carne representa uma grande campanha militar determinada a lutar contra você a cada momento, caso você deseje avançar em sua vida santa. Isso também significa que a experiência do crente não envolve somente uma batalha. Você já descobriu isso, não é verdade? Trata-se de uma guerra constante e ela não terminará até que você veja Jesus pessoalmente. Somente aí você poderá aposentar suas armas e armadura.

O Puritano inglês do século 17, John Flavel, escreveu palavras fortes e realistas a esse respeito:

Manter um governo santo sobre seus pensamentos e deixar tudo em linha e de forma ordeira em seu coração requer constante esforço. Cuidar do coração é um trabalho que só termina quando a vida cessa. Em momento algum em sua vida o crente poderá pedir dias de folga desse serviço.<sup>12</sup>

John Bunyan, autor de *O Peregrino*, também escreveu um livro menos conhecido intitulado *Guerra Santa*. Já o mencionei antes, mas vale a pena repetir porque Bunyan ilustra esse tópico em particular. No livro, ele retrata a alma do crente como uma cidade chamada *Almahumana*, contendo cinco portões: o portão do ouvido, o dos olhos, o do olfato, o do sentimento e o da boca.

Bunyan escreveu que o inimigo de Almahumana, que é o Pecado, diariamente ataca a cidade por meio de um desses portões. Num dado dia, o Pecado sussurra alguma mensagem atraente

no portão do ouvido; outros dias, ele pinta um belo retrato diante do portão dos olhos. O Pecado nunca cessa seus ataques.

Bunyan continua e escreve algo muito interessante. A cidade Almahumana nunca foi prejudicada ou derrotada por ataques externos. A única forma de o Pecado vencer era se algum dos sentidos abrisse seu portão do lado de dentro e o deixasse entrar.

Como isso é verdade! Paulo tratou do assunto quando escreveu aos crentes de Roma: [não] *ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade* (Romanos 6.13). Paulo emprega terminologia militar de seus dias que falava da transferência de armamentos. Ele diz, com efeito: “Parem de entregar suas armas ao inimigo. Parem de abrir o portão e deixar o inimigo desfilar pelas ruas e se estabelecer. Vocês estão derrotando a si mesmos!”

O homem que quer batalhar contra a impureza, mas assiste a filmes e programas de televisão que mostram conteúdo sexual explícito, entrega seus olhos ao inimigo, como que dizendo: “Pronto, vou escancarar o portão dos olhos. Desejo realmente crescer em minha vida cristã, mas vou entregar meus olhos por algumas horas para que os use contra mim. Então, venha cá e pega um pouco de pipoca.”

Semelhantemente, a crente que deseja ser uma mulher santa para Deus, mas ouve músicas com letras sensuais, entrega seus ouvidos ao inimigo e diz: “Pronto, aqui estão meus ouvidos pelas próximas 5 horas. Por que você não usa meus ouvidos para me derrotar enquanto eu busco a santidade?”

Pedro não complica as coisas; elas são bem simples. Acontece de estarmos numa guerra. A pergunta para o crente não é quando ele vai

manejar nas coisas, mas quando vai acordar para a realidade das coisas.

Pedro escreve: “Meus irmãos, falo sério com vocês, amados de Deus que não pertencem a este mundo. Cuidado! Isso é muito mais do que uma tentação, é uma guerra!”

Portanto, a busca pela santidade começa com quem somos e inclui o que evitamos.

### 3. Finalmente, a busca pela santidade envolve como agimos.

Em outras palavras, vida santa envolve não somente dizer “não”, mas envolve dizer “sim” a muitas coisas. Veja o verso 12:

*mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação.*

Permita-me tratar rapidamente do significado de *dia da visitação* antes de avançar e focar no que desejo.

O *dia da visitação* soa como algo profético, mas essa expressão não ocorre em lugar algum nas profecias do Antigo Testamento. Além disso, algo futuro não se encaixa com o que o texto aborda. Pedro diz que os descrentes verão seu testemunho de pureza e excelência e, como resultado, glorificarão a Deus. O verbo grego para *glorifiquem* é *doxazo*. Ele ocorre mais de 60 vezes no Novo Testamento e jamais se refere a incrédulos obrigados a glorificar a Deus. Glorificar a Deus é sempre um louvor voluntário que procede do crente.<sup>13</sup>

Dessa forma, Pedro se refere a pessoas de nossa esfera que se convertem à fé em Cristo através do evangelho que veem e ouvem por meio de nós. Esse

*dia da visitação*, portanto, se refere ao ato de Deus se aproximar deles, conduzindo-os ao arrependimento e à fé verdadeira.

Mas o que Deus usou para atrair a atenção desses pecadores? Ele usou duas coisas. Primeira, nosso *procedimento exemplar*. Esse é o primeiro elemento do qual não conseguem escapar.

A palavra *procedimento* representa nossa conduta diária normal. Não se trata de como estamos aos domingos, mas como estamos na segunda. O termo *exemplar* (*kalos*) possui vários significados, como por exemplo *belo, agradável, bondoso, educado, fino, nobre*.<sup>14</sup> O mundo não sabe reagir a alguém com um procedimento marcado por essas características, quer essa pessoa as mostre numa sala de aula, oficina, escritório ou consultório. Se achamos que isso é pedir demais do crente, então talvez seja esse um dos motivos por que mais pessoas perdidas não estão glorificando a Deus em nossa sociedade ao observarem alguns crentes na sala de aula, etc.

Você, crente, está sendo observado! Como Pedro escreve no verso 12, *observando-vos*. O descrente o observa. Trata-se aqui de um escrutínio pessoal de uma testemunha ocular.

Mesmo enquanto os cristãos são difamados como *malfeitores*, Pedro escreve no meio do verso 12—e já vimos que essas acusações iam desde traição a imoralidade—, o descrente os observa intensamente para ver qual será sua reação ao ódio por parte da sociedade. Quantos crentes que são injuriados injustamente reagem com bondade? Quando reagimos de forma exemplar, o mundo fica sem reação. Esse é o procedimento exemplar.

Em segundo lugar Deus usa as *boas obras* para atrair a atenção do mundo incrédulo—*observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação*.

Preste atenção nisto: Pedro não está interessado necessariamente no progresso do crente na santidade; ele não está interessado no crente adquirir boa reputação. Não. Pedro está interessado numa reforma efetuada pelo evangelho. Ele deseja ver a igreja alcançando os perdidos com o evangelho de Jesus Cristo. E isso não acontecerá ao menos que andemos de forma a glorificar a Deus. Por que esperaríamos que o descrente se interessasse em como glorificar a Deus se nós não o glorificamos? Se nós não nos importamos, por que eles se importariam? Pedro não quer que o crente apenas desenvolva santidade; ele quer que o crente a deixe óbvia! Deixe a santidade óbvia para que outros a vejam claramente!

Paulo escreveu basicamente a mesma coisa aos crentes de Éfeso:

*Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Efésios 2.10).*

Leve as boas obras para o mundo a fora! E Paulo deu a mesma ordem ao escrever sua carta pessoal a Tito: *Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras (Tito 2.7)*. Não esconda as boas obras!

Como você percebe, a santidade não é algo que se limita a mim e a você ou mesmo à igreja como um todo. A questão é que, quando a santidade se torna óbvia, ela, no fim, constrói uma ponte para o mundo. Uma vida santa é uma força missionária poderosa! Por esse motivo, o inimigo tenta, dia após dia, impedir que a santidade avance em nossas vidas.

Eu li a história de um colunista crente que estava em um aeroporto em meio a uma nevasca. Ele conta:

Um engenheiro da Índia estava sentado ao meu lado. Enquanto conversávamos, descobri que ele teria que pegar um ônibus para outro aeroporto. Sua esposa, que estava grávida, iria dirigir com seus dois filhos pequenos para buscá-lo no aeroporto, debaixo daquela nevasca terrível.

Eu lhe disse: “Olha, eu vou pegar um carro aqui no aeroporto. Posso dar uma carona para você até sua casa.” Ele agradeceu. Quando entramos no carro, orei por uma oportunidade para lhe apresentar o evangelho.

Quando ele me perguntou por que eu estaria disposto a desviar minha rota por causa dele, encontrei a oportunidade. Perguntei-lhe: “Alguém alguma vez já agiu para com você com tanta bondade que você simplesmente quis repassar essa bondade para outra pessoa?” Ele respondeu positivamente. “Bom, Jesus Cristo fez algo incrivelmente bondoso para mim,” continuei. Na conversa, eu lhe expliquei a graça de Deus por meio de Cristo. Quando o deixei em sua casa, ele me agradeceu e disse: “Vou ter que pensar um pouco sobre isso que conversamos.”

O colunista concluiu o artigo dizendo:

Não tenho dúvidas de que minhas palavras sobre Jesus Cristo penetraram de forma singular e poderosa em sua vida justamente porque ele as ouviu enquanto um estranho bondoso o levava de carro, no meio de uma nevasca, para sua casa e família.<sup>15</sup>

Esse é o incentivo final de Pedro. Santidade está relacionada a quem somos. Santidade tem a ver com o que evitamos. E santidade envolve como agimos. O resultado? Oportunidade para a apresentação do evangelho e glórias a Deus.

Como você vê, quando andamos no Espírito e não segundo a carne, pessoas que inspecionam nossas vidas atenciosamente passarão a admirar

nossa conduta e, então, ficarão prontas para nos ouvir exaltando o nosso Salvador.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 05/02/2017

© Copyright 2017 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> David R. Helm, *1–2 Peter and Jude* (Crossway, 2008), 79.

<sup>2</sup> John MacArthur, *1 Peter* (Moody, 2004), 137.

<sup>3</sup> Jan Johnson, *Moody Monthly* (novembro de 1987). Citação retirada de: [www.preachingtoday.com/illustrations/1996/December/439.html](http://www.preachingtoday.com/illustrations/1996/December/439.html).

<sup>4</sup> Adaptado de Daniel M. Doriani, *1 Peter* (P&R Publishing, 2014), 78.

<sup>5</sup> Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 752.

<sup>6</sup> Daniel G. Powers, *1 and 2 Peter, Jude* (Beacon Hills Press, 2010), 9.

<sup>7</sup> Adaptado de John Phillips, *Exploring the Epistles of Peter* (Kregel, 2005), 103.

<sup>8</sup> MacArthur, 137.

<sup>9</sup> D. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH Books, 1984), 156.

<sup>10</sup> Warren W. Wiersbe, *Be Hopeful: 1 Peter* (David C. Cook, 1982), 68.,

<sup>11</sup> Hiebert, 156.

<sup>12</sup> Dave Furman, *Being There* (Crossway, 2016), 40.

<sup>13</sup> Adaptado de *Life Application Bible Commentary: 1 & 2 Peter/Jude* (Tyndale House, 1995), 60.

<sup>14</sup> Adaptado de MacArthur, 139.

<sup>15</sup> Lee Stroebel, “Why Do You Care?” (maio/junho de 2010). Citação retirada de: [www.preachingtoday.com/illustrations/2010/December/3122710.html](http://www.preachingtoday.com/illustrations/2010/December/3122710.html).